

**FACULDADE DE PATOS DE MINAS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

MARIANA ROCHA NOGUEIRA

**COOPERATIVISMO, DIFERENCIAÇÃO E
TENDÊNCIAS**

**PATOS DE MINAS
2014**

MARIANA ROCHA NOGUEIRA

**COOPERATIVISMO DIFERENCIAÇÃO E
TENDÊNCIAS**

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Administração.

Orientador: Prof. Esp. Eduardo Luiz Alves Ramos

**PATOS DE MINAS
2014**

334.73 NOGUEIRA, Mariana Rocha
N778c Cooperativismo, diferenciação e tendências/
Mariana Rocha Nogueira – Orientador: Prof. Esp.
Eduardo Luiz Alves Ramos. Patos de Minas: [s.n.],
2014.
26p.

Minas Artigo de Graduação – Faculdade Patos de
FPM
Curso de Bacharel em Administração

1.Cooperativas 2.Cooperativismo 3.Características
I.Mariana Rocha Nogueira II.Título

COOPERATIVISMO, DIFERENCIAÇÃO E TENDÊNCIAS

Mariana Rocha Nogueira*

Eduardo Luiz Alves Ramos**

RESUMO

O objetivo deste trabalho é demonstrar os benefícios do sistema cooperativista, suas características, e qual a tendência para esse modelo de gestão no futuro.

Este assunto foi escolhido devido ao destaque que o mesmo tem tido, uma vez que o modelo de gestão tem propiciado uma importante contribuição para a geração de empregos, diretos e indiretos na nossa região.

Outro fator que contribuiu para a escolha do tema foi à amplitude de conhecimento que o cooperativismo esta envolvido.

Foi buscando compreender e avaliar as tendências e cenários do cooperativismo, os benefícios e as vantagens deste modelo de negocio, que o objetivo deste trabalho foi traçado.

Especificamente estará sendo apresentada uma revisão literária referente ao assunto, evidenciando as ferramentas usadas para diferenciação deste tipo de gestão e apontando as tendências para as cooperativas no futuro.

A metodologia de pesquisa adotada foi à revisão bibliográfica, onde através do estudo de autores já renomados, foi possível desenvolver um ponto de vista sobre o assunto.

Como fonte de pesquisa mais utilizadas foram a OCB (Organização das Cooperativas do Brasil), órgão regulador do setor, o autor Schneider, que muito contribuiu para a compreensão do tema cooperativismo e Bom, que demonstra principalmente as tendências deste sistema de gestão.

No decorrer do trabalho uma das características mais marcantes é o como o cooperativismo enfrentou vários períodos de crise.

E, sobretudo como o mesmo sempre supera as adversidades e retorna ainda mais forte ao cenário competitivo.

Palavras-chave: Cooperativismo. Diferenciação. Tendências.

* Acadêmica do curso de Administração da Faculdade Patos de Minas – FPM. Patos de Minas / MG. mariananogueira-adm@hotmail.com

**Professor da disciplina de Empreendedorismo – Cursos de Graduação da Faculdade Patos de Minas – FPM. Patos de Minas/MG. eduardoluizalves@yahoo.com.br

ABSTRACT

The objective of this work is to demonstrate the benefits of the cooperative system, its features, and how the trend towards this management model in the future.

This subject was chosen because of the prominence that it has had since the management model has provided an important contribution to the creation of jobs, direct and indirect jobs in our region.

Another factor that contributed to the choice of the theme was the breadth of knowledge that the cooperative is involved.

Was trying to understand and evaluate trends and scenarios of cooperatives, the benefits and advantages of this business model, the objective of this study was drawn.

Specifically we review the literature related to the subject, highlighting the tools used to differentiate this type of management trends and pointing to cooperatives in the future will be presented.

The research methodology used was the literature review, where through the study of already renowned authors , it was possible to develop a point of view on the subject.

Used more as a source of research were the OCB (Organization of Cooperatives of Brazil), the industry regulator, the author Schneider, who contributed greatly to the understanding of cooperatives and Bom theme , which mainly shows the trends of this management system.

Throughout his work one of the most striking features is how the cooperative has faced various periods of crisis.

And, especially as it always overcomes the odds and returns even stronger the competitive landscape.

Keywords: Cooperatives. Differentiation. Trends.

1 INTRODUÇÃO

O mundo tem sofrido grandes transformações do ponto de vista social, cultural e econômico.

A cada dia o fluxo e a agilidade da troca de informações estão maiores e mais intensas.

Grandes empresas no geral estão enfrentando dificuldades para se manter no mercado. Quando falamos de pequenas empresas e de produtores individuais então a situação se torna ainda mais crítica.

Pensando nisso as cooperativas representam uma boa solução para enfrentar a crise, por isso este tema foi escolhido.

O cooperativismo tem ganhado no atual contexto comercial grande destaque, pois o setor vem se mostrando uma grande oportunidade para que os produtores tenham maior competitividade no frente à concorrência no mercado.

No decorrer deste artigo serão apresentados os benefícios que essa modalidade pode trazer, as ferramentas que as cooperativas usam para se diferenciar e como o modelo de gestão das cooperativas podem beneficia-las.

A autora buscou avaliar e estudar as tendências e os cenários do cooperativismo, vislumbrando os benefícios e as oportunidades desse setor na economia da região de Patos de Minas.

O artigo também tem como finalidade desenvolver a capacidade de produção e o uso de espírito crítico nos acadêmicos.

Durante o mesmo serão apresentados aspectos relevantes de empresas que tenham o cooperativismo em sua base, suas características, tendências ferramentas de diferenciação e também os problemas enfrentados.

O cooperativismo tem base em muitas matérias e teorias, devido a esse fato ela entra um pouco em cada disciplina e conteúdo do curso de Administração.

A principal finalidade será o estudo e avaliação das tendências e cenários do cooperativismo, vislumbrando os benefícios e vantagens desse modelo de negócio.

As características e benefícios serão melhor detalhadas, mostrando as ferramentas usadas para criar diferenciação e sobretudo apontando as tendências das cooperativas no futuro.

Foi adotada uma metodologia do ponto de vista do problema denominada qualitativa, pois esta terá como propósito entender o cooperativismo através de descrições do assunto, comparações e interpretações.

Do ponto de vista dos objetivos a pesquisa será exploratória, pois terá por finalidade a familiarização com o problema e embasada no levantamento bibliográfico, principal fonte de pesquisa.

O procedimento técnico adotado será uma revisão literária, uma vez que há inúmeros autores renomados sobre o assunto.

Como fontes de pesquisa foram usados livros, artigos, teses e dissertações. Sendo os mesmos adquiridos através de empréstimos pessoais, em bibliotecas, em meio eletrônico e através de sites governamentais.

As publicações usadas foram a partir de 1990, com algumas exceções. Só sendo usadas anteriores quando necessário adotar referência de autores consagrados sobre o assunto. Todas as publicações utilizadas estão em língua portuguesa contribuindo para compreensão.

E por fim a pesquisa foi desenvolvida entre o período de agosto de 2013 a maio de 2014.

2 ORIGEM

Cooperar: É praticar ações em conjunto com outras pessoas, com o mesmo objetivo, na busca de resultados comuns a todos, superando as dificuldades individuais.(MICHAELIS, 1999).

Cooperação: É o método de ação pelo qual indivíduos, famílias ou comunidades, com interesses comuns, constituem um empreendimento. Neste, os direitos de todos são iguais e o resultado alcançado é repartido entre seus integrantes, na proporção de sua participação nas atividades da organização. (SCHNEIDER, 2003)

Cooperativismo: De acordo com Scheneider (2003) é uma doutrina, um sistema, um movimento ou, simplesmente, uma atividade que considera as cooperativas como forma ideal de organização da humanidade, baseado na economia solidária, na democracia, na participação, nos direitos e nos deveres iguais para todos, sem discriminação de qualquer natureza, para todos os cooperados.

Segundo Marx (apud Namorado, 1973), o cooperativismo deve ser entendido como uma atividade que busca, diante da ação coletiva, meios para a valorização das pessoas e que sua realização pode ser efetiva tanto no capitalismo, quanto no socialismo, pois se trata de uma prática humana, ao invés de econômica ou política.

Cooperativa: sociedade de, no mínimo (20) pessoas físicas, com um interesse em comum, economicamente organizada de forma democrática, isto é, com a participação livre e igualitária dos cooperantes, aos quais presta serviços, sem fins lucrativos, OCB (2013).

A palavra cooperação vem do verbo latino “Cooperari”, de “Cum” e “Operari” = operar juntamente com alguém. Significa trabalhar junto, trabalhar em conjunto.

Em toda história da humanidade o trabalho coletivo e a cooperação entre as pessoas fizeram parte do dia-a-dia, mesmo que o termo ainda nem existisse (Andrioli, 2008).

Podemos observar isso logo na idade da pedra, onde os homens das cavernas se reúnem a fim de conseguir alimento e proteção para suas famílias.

No entanto, o movimento cooperativo propriamente dito teve origem no final do século XVIII e no início do século XIX a partir da Revolução Industrial, quando o modo de produção capitalista fixou suas bases.

Quando o capitalismo surgiu o artesão perdeu o controle dos meios e das fases de produção e a mesma sofreu divisões, esse fato acabou obrigando assim os trabalhadores a executarem tarefas parciais no sistema produtivo ao invés de realizarem o todo;

Como os trabalhadores passaram a não deter mais a propriedade dos meios de produção, eles foram obrigados a vender suas forças de trabalho (MARX, 1999).

Foi assim diante das transformações da Revolução Industrial e apesar do crescimento produtivo causado por ela, que a situação dos trabalhadores passou a ser insustentável.

Fome, carência de alimentos, desemprego, baixos salários e condições de trabalho precárias eram apenas algumas das dificuldades que o trabalhador enfrentava.

Mediante toda essa situação a classe operária começou a se organizar; os trabalhadores em greve reivindicavam melhores salários e condições de trabalho, porém a opressão capitalista foi maior e além de não conseguirem suas reivindicações, companheiros de luta foram demitidos, Pinho (2004).

Isso acabou agravando ainda mais a situação e aumentando o desemprego.

Após o fracasso de uma greve de tecelões, no fim de 1843, surgiram as primeiras manifestações em favor da criação de uma nova cooperativa.

Com o tempo os trabalhadores viram que precisavam de um movimento para discussão e melhorias de um novo modelo de organização.

Foi sob a influência dos ideais de Robert Owen e dos socialistas, que os trabalhadores perceberam que era preciso mudar o contexto social, criando um espaço de maior dignidade para os trabalhadores.

No princípio o modelo de cooperativa a ser adotado seria o de consumo baseado tão somente na autoajuda. Desse modo os trabalhadores colocaram-se a arrecadar as contribuições para a formação de um fundo comum.

Quando completaram 28 libras esterlinas, os trabalhadores decidiram abrir o armazém cooperativo de consumo.

Então, em 15 de agosto de 1884, na cidade de Rochdale, na Inglaterra, foi registrada oficialmente, sob o nome de Friendly Society, a primeira cooperativa registrada na história, a Cooperativa de Consumo de Rochdale composta por 28 membros. (PINHO, 2004)

Os fundadores da Cooperativa de Rochdale estabeleceram um elenco de princípios, que serviu de base para as futuras cooperativas, sendo utilizado até hoje. Conforme Pinho (1996), esses princípios passaram a reger as cooperativas de consumo, servindo de base para o Cooperativismo.

Segundo Bom (2013) o Cooperativismo enquanto alternativa econômica teve origem nas situações históricas da época da revolução industrial e se consistiu um movimento de reação contra os problemas socioeconômicos criados pelo capitalismo na Europa.

O Cooperativismo surgiu como uma alternativa econômica, política e administrativa dentro do cenário de mudanças sociais e culturais originadas do capitalismo moderno (NUNES, 2003).

Para Andriolli (2008) o capitalismo foi uma forma de expressão da população, que estava saturada com os problemas da época.

A partir desses autores concluímos que o cooperativismo surge da necessidade do ser humano diante das experiências que ele vive e da vontade de superar dos problemas, buscando o benefício de todos os envolvidos.

É importante resaltar que as cooperativas que tiveram início no fim do século XXVIII e início do século XIX eram informais e caracterizadas por formas de ajuda mútua entre os povos do campo em diversos países e culturas do mundo.

Outro ponto importante foi que somente a partir do século XX que as cooperativas passaram a ser usadas nas mais diferentes estruturas econômicas, destacando como elemento de progresso principalmente das economias em desenvolvimento.

Ao mesmo tempo em que na Europa, no mundo inteiro foram realizadas experiências similares dando origem a inúmeras federações nacionais de cooperativas. Foi assim que começaram as discussões sobre as bases de um movimento cooperativo de alcance maior, inclusive como alternativa ao capitalismo e também ao socialismo (PINHO, 1996).

Antes da experiência de Rochdale, consideram-se as ideias de Owen e Fourier como sendo as que deram origem ao movimento cooperativo. Isso explica por que movimentos similares aos da Europa aconteciam ao mesmo tempo no mundo inteiro conforme relato de Pinho (2004).

Foram Owen e Fourier, portanto os responsáveis por criarem as bases do pensamento cooperativo, através das suas experiências práticas, no entanto nenhum dos modelos teve continuidade.

Robert Owen (1771-1858) era inglês, em New Lanarck (Escócia), dirigiu uma fábrica de fiação onde trabalhou com sistemas de avaliação de desempenho.

A fábrica tornou-se uma espécie de modelo, por que foi criada uma vila operária, reduzida a jornada de trabalho e criadas medidas previdenciárias.

As ideias de Owen influenciaram muito os pioneiros de Rochdale por que ele colocou as injustiças sociais como decorrência do lucro e da concorrência.

François Marie Charles Fourier (1771-1837) era francês e propôs os falanstérios, uma espécie de associação de produção e de consumo na qual os trabalhadores viveriam em comunidade.

O falanstério, em seu aspecto exterior, assemelha-se a um grande hotel cooperativo, onde as pessoas viveriam em regime comunitário.

Apesar de que existem algumas diferenças de opiniões o que importa é que o cooperativismo surgiu no contexto da Revolução Industrial.

Outro fator marcante é que o capitalismo ao lançar bases materiais de seu modo de produção acelerou a acumulação de capital dos donos dos meios de

produção e provocou a exploração dos trabalhadores; e que essa exploração criou um novo modelo de trabalho e produção baseado na ajuda e cooperação mútua, o Cooperativismo.

Foi através da cooperativa de Rochdale que percebemos que a população tomou consciência de sua força e começou a se unir em cooperativas para se proteger dos produtores e dos intermediários, passando a representar uma forma de melhoramento do liberalismo.

Com o desenvolvimento das cooperativas no mundo todo, criou-se a ACI – Aliança Cooperativa Internacional, em 1895, em Londres. Que passou a ser um órgão regulador em todo o mundo. No entanto foi durante o congresso do Centenário da Aliança Cooperativa Internacional – ACI, realizado em 1995, na cidade de Manchester – Inglaterra, que a definição de cooperativa foi oficialmente estabelecida:

“Cooperativa é uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida”.

Schneider (2003) ressalta que os movimentos socialistas do século XIX tinham como estratégia a construção de movimentos cooperativista e que os mesmos movimentos superariam o capitalismo, não através da luta e do derramamento de sangue, mas diante a organização dos trabalhadores em torno de cooperativas de consumo e de produção.

O cooperativismo se tornou um modo de organização produtiva que tinha como objetivo superar o capitalismo. Uma vez que seus ideais buscavam superar a situação onde a propriedade privada estava acima do bem público. Dessa forma se empenhava na cooperação para recuperar uma posição destacada para o interesse coletivo e da comunidade. Schneider (2003)

Porém, Bom (2013) afirma que a visão apresentada por Schneider foi contestada por outros autores, onde para eles o Cooperativismo não era apenas um modelo alternativo para o capitalismo, mas era também ao socialismo. De acordo com esse ponto de vista o desempenho das cooperativas dependia de elementos que eram responsáveis por constituí-las como empresas e como sociedades de pessoas.

O ato da cooperação, fundamento do Cooperativismo, tem variantes de acordo com o ambiente em que esta inserida. Quando o Cooperativismo esta inserido numa ordem social e econômica do cunho socialista, a cooperativa fundamenta-se em doutrinas que privilegiam a dimensão comunitária. Caso esteja no sistema capitalista, a cooperativa tende a efetuar um processo de distribuição desigual do produto refletindo o meio e as contradições do capitalismo, Florão (1995).

2.1 Brasil

No Brasil a construção de um estado cooperativo começou em 1610, com a fundação das comunidades jesuíticas no país.

Essa versão do modelo cooperativo valorizava uma sociedade solidária, fundamentada no trabalho coletivo, onde o bem-estar do indivíduo e da família estava acima do aspecto econômico.

No entanto segundo a história o início do movimento cooperativista no Brasil ocorreu somente em 1847 quando o médico francês Jean Maurice Faivre, adepto das ideias Fourier, fundou nos sertões do Paraná, juntamente com um grupo de europeus, a colônia Tereza Cristina, organizada em bases cooperativas.

Já para Siqueira (2001) a primeira cooperativa, na concepção rochdaleana, foi a cooperativa de consumo de Limeira, São Paulo, em 1891.

Na historia brasileira de acordo com Schneider (2003), houve um buraco no movimento cooperativo de 1913 até 1929, por que não existem dados e informações sobre cooperativas nesse período.

Foi a partir de 1929, diante da crise mundial que ocorreu um grande aumento das cooperativas no país.

As cooperativas que surgiram nesse período foram construídas dentro do contexto político do positivismo.

O positivismo teve origem na Europa e seu principal pensador foi Augusto Comte. O positivismo defendia a classe burguesa e o fortalecimento do desenvolvimento capitalista, atribuindo ao Estado funções técnico-administrativas e não políticas (SIQUEIRA, 2001).

Por isso Siqueira (2001), afirma que as organizações cooperativas que surgiram no período de 1890 a 1930, sofreram a influencia da doutrina positivista que permeou a organização política, social e econômica desse período.

A partir de 1930 surgiram muitas cooperativas no Nordeste, mas elas já se tratavam da apropriação do Estado do modelo cooperativista como alternativa para fomentar os setores econômicos. Uma política estabelecida por Getúlio Vargas em 1930, quando o Brasil passava por uma grande crise econômica (SIQUEIRA, 2001).

Em 1970, com as mudanças na economia mundial, os Estados Nacionais tiveram reduzido seu poder de intervenção direta no processo econômico (SIQUEIRA, 2001).

Logo depois, na metade da década e 1980, com o aumento desse processo e com a liberação do fluxo do comércio e do capital financeiro, acabou a ideia de desenvolvimento conjugado, onde a participação do Estado era muito intensa.

Já a agricultura enfrentou sérios problemas com o afastamento do Estado da economia, principalmente os países em desenvolvimento.

Schneider (2003) observou os perigos da intervenção do estado sobre as cooperativas. Ele reconheceu a importância do apoio do Estado do desenvolvimento cooperativista nos países periféricos, pois sem o apoio legal, técnico e financeiro, principalmente no início a implantação das cooperativas não seria possível.

Mas também quando é mantida, essa intervenção cria uma ameaça ao processo do desenvolvimento cooperativista, gerando dependência. Ela por sua vez faz com que os empregados tendem a acostumar-se com os favores e privilégios oficiais, limitando iniciativa, criatividade e capacidade de assumir riscos.

Em 1988, Benetti escreveu que o Estado repassava à iniciativa privada tarefas que seriam de sua responsabilidade. A função de legitimação do Estado era delegada às cooperativas, servindo assim, de um instrumento privilegiado para implementação das estratégias macroeconômicas do Estado brasileiro.

No Brasil o Estado tinha a intenção de aumentar a concentração dos produtores em associações cooperativas para que elas aperfeiçoem, organizem e estimulem a concorrência, transferindo para as cooperativas mais uma função do governo e assim possibilitar a ocorrência de uma economia de mercado.

Assim, as cooperativas organizariam e fomentariam a concorrência, unindo os agricultores que sozinhos não conseguiriam comercializar seus produtos agrícolas com um preço mais atrativo.

De certa forma as tarefas que o Estado brasileiro repassou às cooperativas foram benéficas para as mesmas, pois contribuiu para o crescimento e modernização até a década de 1960.

Suas estruturas produtivas simples se transformaram em formas empresariais complexas. Todo isso ocorreu em cerca de uma década, ou seja, o processo foi muito rápido e deu origem a duas estruturações diferentes a de empresa comercial e de complexo agroindustrial (BENETTI, 1988).

Benetti acredita que foi a partir da década de 1970 que as cooperativas sofreram uma metamorfose extraordinária. Elas abandonaram a fase do cooperativismo comercial e deixaram de atuar localmente.

Outra característica bastante marcante é que elas passaram a diversificar sua base de produção; a prestação de serviços foi além dos associados e foi orientada a qualquer agente econômico que precisasse, puxando dessa forma linhas do capitalismo, outro fator foi à diversificação de suas atividades no próprio setor de comercialização e prestação de serviços.

Mas como tudo no mundo possui dois lados diferentes o cooperativismo também passou por fases complicadas no processo de crescimento.

Por exemplo, devido ao impulso do crescimento, a maioria das cooperativas mesmo não tendo capital embarcou nessa onda de crescimento e isso favoreceu em muito a crise.

No início o Estado brasileiro forneceu recursos fartos e abundantes às cooperativas. Com isso as cooperativas passaram a substituir o Estado em diversas funções, mesmo aquelas em que havia o receio de investimentos por parte do capital privado, como estruturas físicas e para comercialização (BENETTI, 1988).

Isso foi bastante prejudicial às cooperativas por que criou uma dependência muito grande do estado por causa dos recursos originados das políticas estatais.

Foi só final de 1982, quando a política econômica internacional sofreu alterações, que o governo brasileiro precisou modificar sua política de expansão do crédito, e isso teve um impacto muito grande nas regras das cooperativas, por que elas deixaram de ter recursos fartos e baratos para financiar suas estruturas e sua produção (BENETTI, 1988).

Quando o Estado deixou de intervir na economia das cooperativas, em 1980 a situação ficou ainda pior. As cooperativas perderam parte da sua liquidez, e isso fez com que elas não conseguissem refinar suas dívidas com juros mais baixos. A

diferença entre a capacidade de pagamento e o crescimento do endividamento aumentou ainda mais (BENETTI, 1988).

O cooperativismo passou uma crise tão forte e geral que uma grande parte das cooperativas deixou de ser viável do ponto de vista econômico e financeiro. Isso levou a falência de muitas delas ou foram incorporadas pelas que sobreviveram. Como resultado de tudo isso as cooperativas sofreram alterações nos seus perfis.

O modelo cooperativista só conseguiu se manter por que é fruto de períodos históricos de crise além de ser uma forma de organização econômica entre as pessoas, para amenizar os problemas sociais. Foi por isso que nos anos 30, durante a Grande Depressão e a crise do café, que o governo Getúlio Vargas estimulou as cooperativas e criou a primeira lei para regulamentar e fiscalizar o seu funcionamento.

Siqueira (2001) observou que nos anos 1950, sob o ritmo desenvolvimentista do presidente JK, novas cooperativas surgiram, as centrais se fortaleceram e houve até a tentativa de unificar o movimento, o que não deu muito certo.

Durante o golpe militar, em 1964, governo passou a controlar ainda mais o cooperativismo e com isso modificou um pouco mais o cenário.

Com a criação do Sistema Financeiro Nacional, os militares quase extinguiram as cooperativas de crédito mútuo abertas à população. Por outro lado, as cooperativas agrícolas foram beneficiadas, pois eles acreditavam que se tratava de uma questão de segurança alimentar.

Outro acontecimento da história que quase pôs fim as cooperativas foi antes do plano Real, durante os anos 1980 e 1990, quando o país passou por crises na economia, tendo como resultado uma inflação descontrolada, graves reflexos na agricultura e crescimento constante no índice de desemprego.

Muitas cooperativas agrícolas deixaram de existir e, na cidade as de trabalho e de crédito, se tornaram uma alternativa para os trabalhadores driblarem as dificuldades econômicas. (SIQUEIRA, 2001).

Outra característica bastante interessante é que foi só em 1970, com os esforços do secretário da agricultura de São Paulo, Antonio José Rodrigues Filho, e o apoio do ministro da Agricultura, Luiz Fernando Cirne Lima, que as cooperativas se unificaram na Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB, 2013).

E em 1971, foi promulgada a Lei 5.764 que, entre outras regras, exigia que todas as cooperativas se registrassem previamente no Conselho Nacional do

Cooperativismo. Apesar disso, a lei reconheceu a OCB como representante do movimento no País e definiu as relações entre os cooperados e a cooperativa como Ato Cooperativo.

Já com o fim da ditadura militar e a promulgação da nova Constituição, em 1988, o cooperativismo se livrou do controle estatal, iniciando a autogestão.

2.2 Escrever Órgãos reguladores

A ACI – Aliança Cooperativa Internacional, é a maior entidade internacional de representação do cooperativismo. Também é considerada a maior ONG (Organização Não Governamental) do mundo e mais de cem países fazem parte dela. Seu principal papel é ser guardiã dos princípios cooperativos alicerçados na solidariedade e equidade.

Já no Brasil o cooperativismo o cooperativismo é representado pela OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras) e pelo SESCOOP (Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo) cujos papéis são a consolidação e desenvolvimento do sistema cooperativista.

O Sistema OCB/SESCOOP está presente em todos os estados brasileiros inclusive no Distrito Federal. Em 2006 existiam mais de com 7.500 cooperativas filiadas, que atuavam em pelo menos 13 ramos diferentes. Sendo estes: agronegócio, consumo, crédito, educacional, especial, habitacional, infraestrutura, mineral, produção, saúde, trabalho, transporte, turismo e lazer, (OCB, 2006).

3-OS PRINCÍPIOS E CARACTERÍSTICAS DO COOPERATIVISMO.

Os princípios básicos do cooperativismo foram elaborados na fundação da primeira cooperativa do mundo em Rochdale, no entanto apesar de tão tempo, ate hoje eles são base para todas as cooperativas no mundo. Sendo apenas adaptados pela ACI, para se adequar ao contexto moderno, sendo assim estabelecidos:

1. Adesão voluntária e livre: cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todos que estiverem aptos a utilizar os seus serviços e dispostos a

assumir as responsabilidades como membros, independente de sexo, classe social, política ou religião.

2. Gestão democrática pelos membros: cooperativas são organizações democráticas, controladas por seus membros, que participam na formulação de suas políticas e na tomada de decisões.

3. Participação econômica dos membros: todos contribuem com o capital e o controlam democraticamente. Parte do capital é propriedade comum da cooperativa. E os membros recebem uma remuneração limitada do capital integralizado, como condição de adesão. Os excedentes são destinados as seguintes finalidades: desenvolvimento da cooperativa, benefícios aos associados e apoio a outras atividades aprovadas pela assembleia.

4. Autonomia e independência: cooperativas são organizadas de forma autônoma e independente, de ajuda mútua, controlada por seus membros, caso façam acordos com outras organizações, tanto públicas como de capital privado, incluindo instituições públicas, ou recorrerem ao capital externo, esses acordos devem garantir o controle democrático das cooperativas por seus membros de modo que garanta a autonomia.

5. Educação, formação e informação: cooperativas garantem a educação e formação de seus membros, tanto de membros eleitos como de trabalhadores, de forma que eles contribuam para o desenvolvimento de suas atividades junto as cooperativas, além de disseminarem, sobretudo para as novas gerações os benefícios da cooperação.

6. Intercooperação: cooperativas trabalham em conjunto, através de estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais de forma a aumentar a força do movimento cooperativo.

7. Preocupação com a comunidade: cooperativas trabalham para o desenvolvimento de suas comunidades, através de políticas aprovadas pelos seus membros.

Apesar da importância dos princípios cooperativos e da disseminação deles há autores como Schneider (2006) que não são a favor de disseminação de princípios imutáveis, pois segundo ele são as condições estruturais do meio que determina a natureza e o funcionamento das cooperativas.

São os lugares, o contexto histórico e os interesses de cada cooperativa que será responsável pelas experiências da mesma.

Por exemplo, de acordo com Rech (1995) na Suécia, Noruega e Israel, a democracia é um benefício e direito, lá as cooperativas assumiram características comunitárias e participativas, buscando uma sociedade mais justa e igualitária.

Já para outros autores os princípios do cooperativismo não podem estar separados dos valores que sustentam as cooperativas. As associações de pessoas só são verdadeiramente cooperativas se cuidarem dos aspectos sociais originados nela mesmas, Martins (2013).

O cooperativismo é um produto da necessidade comum e da consciência de superação de problemas, com o objetivo de obter benefícios ajudarem entre si.

De acordo com Andrioli (2008) todo processo de consciência e organização é educativo e gera conhecimento e sociabilidade.

O trabalho produtivo cria relações sociais e constrói a consciência humana. Nas relações de produção quando um ser humano confronta - se com outro percebe sua a identidade e contribui na descoberta da identidade do outro. (ANDRIOLI, 2008, p. 48).

O cooperativismo passou a apresentar maior flexibilidade à inovação, o isso fez com que ele passa-se a atuar como organização moderna e dinâmica.

As cooperativas se baseiam em valores de ajuda mútua e responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade, seus princípios históricos e suas características legais, têm como aspectos marcantes a forma como a gestão dos seus negócios é realizada, OCB (2002).

A gestão cooperativa está associada à autogestão, e coloca a participação como principal questão na condução dos negócios (OCB, 2002).

Conforme Oliveira (2003), o cooperativismo enquanto autogestionado é um modo de produção diferente do capitalismo e do socialismo. Oliveira (2003) tentou definir a essência do Cooperativismo e dar a ele um significado mais amplo diante o mundo.

Nas cooperativas as eleições da diretoria e dos conselhos ocorrem através do voto direto dos cooperados. Além do voto direto os cooperados também participam das assembleias para tomada de decisões e prestação de contas.

Ainda segundo Silva Filho (2001), as cooperativas possuem a característica básica de serem organizações que não visam o lucro, por que os resultados obtidos por elas, denominados sobras e excedentes, não têm como objetivo a remuneração

do capital. O objetivo do resultado das cooperativas é a remuneração do trabalho dos seus cooperados.

No espectro das definições sobre autogestão, os pontos de maior convergência dizem respeito à participação exclusiva dos trabalhadores nas decisões e nos resultados alcançados pela empresa, que pode ou não ser de sua propriedade.

A autogestão consiste de maneira mais específica na participação dos trabalhadores, dentro de sua área de abrangência em termos de controle e de decisão sobre suas ações.

Apesar dos benefícios da autogestão há casos em que algumas cooperativas precarizam as condições de trabalho do empregado, ou que as relações de trabalho assalariados supera em numero os cooperados. Quando isso ocorre há uma degeneração dos princípios de gestão das mesmas.

Segundo Bom (2013), existe alguns problemas que podem ser claramente identificados nas gestões das cooperativas, são eles: falta de educação cooperativa, a falta de cooperação entre as cooperativas, modelos de gestão centralizados, modelos não adequados para o sistema, as cooperativas não estão sabendo lidar com a concorrência, além de uma confusão entre o que é propriedade da cooperativa e o que é a propriedade da gestão.

Outra característica marcante é a divisão estabelecida entre as cooperativas e os outros tipos de organização.

ASPECTO ANALISADO	COOPERATIVA	EMPRESA DE CAPITAL
Propriedade	Pertence ao cooperado.	Pertence exclusivamente ao proprietário e/ou ao investidor do negocio.
Objetivo	Trabalho.	Lucro.

Tomada de decisão e controle	Cooperados, cada um têm direito a um único voto.	Dono ou acionista, sua participação corresponde a seu percentual da empresa.
Ingresso	Adesão livre.	Depende do interesse do dono e do capital.
Fator remuneração	Capital.	Trabalho.
Sistema de gestão	Baseado na solidariedade.	Baseado na racionalidade.

Diante das diferenças apresentadas podemos perceber que as cooperativas são muito importantes para a sociedade, pois elas podem criar estruturas produtivas mais eficientes, capazes de gerar renda, emprego e distribuir de forma igual às oportunidades.

Alem disso elas podem prestar serviços básicos e essenciais de modo mais eficiente.

Outro fator muito importante que deve ser ressaltado é a competição que se torna mais acirrada a cada dia, e as cooperativas estão encontrando dificuldade e muitos desafios para respeitar os seus princípios básicos.

O mercado com todas as suas exigências, foi responsável por tornar o sistema de gestão cooperativo, fator crucial na luta pela sobrevivência das cooperativas no mercado, Schneider; Hendges (2006).

Nas cooperativas podemos considerar que as principais dificuldades de gestão estratégica estão ligadas a limitação de recursos, problemas originados da cultura das pessoas, as falhas no processo de tomada de decisão, as influências

políticas e também em alguns casos as estruturas organizacionais extensas em níveis hierárquicos.

Borges (2010), afirmam que o sucesso e a sobrevivência das cooperativas estão alicerçados no saber das lideranças.

Para Bom (2013), “os fatores de influência da liderança nas cooperativas são a supervisão, a motivação, o treinamento, a comunicação, a administração participativa e o comprometimento”.

4-TENDÊNCIAS PARA O FUTURO

No mundo em que vivemos com todas as particularidades do mercado, com o avanço da tecnologia, comunicação, das relações econômicas, do fluxo de informação, entre tantas outras o cooperativismo tem sofrido grandes modificações na sociedade em que esta inserida. No entanto as cooperativas tem tentado manter seus princípios básicos mesmo em realidades econômico-sociais e culturais tão diferentes.

Segundo Nunes (2009) o cooperativismo tem sido chamado superar as práticas históricas da dependência criada no estado na época em que a mesma mantinha influencia direta sobre o sistema de gestão.

Ele também tem sido impulsionado a reproduzir a matriz do capitalismo atual, se tornando sistema de produção ao invés de conceito ideológico. O sistema cooperativista deve ter a coragem de mudar a gestão, a convivência, a produção e a distribuição de seus produtos e para isso a sustentabilidade deve ser sua parceira e inspiração, Nunes (2009).

Bialoskorski Neto (2005) observou que o crescimento das cooperativas brasileiras no agronegócio, se deve não apenas pelas oportunidades do mercado, mas também pelas políticas de gestão que essas cooperativas têm adotado.

As cooperativas no ramo do agronegócio tem buscado implantar uma administração mais formal, pautada em planejamento, melhor dimensionamento e melhor distribuição dos investimentos, também tem investido em treinamento

pessoal, capacitação, agregação de valor, além de praticar constantemente o espírito cooperativista, Bialoskorski Neto (2005).

Já Bom (2013) salienta “que as cooperativas terão que decidir qual é a delas perante as empresas concorrentes – cooperativas ou não”, levando em conta as alterações grandes e pequenas na amplitude das mesmas.

Bom (2013) também enfatiza que algumas tendências administrativas favorecem a gestão das cooperativas. Por exemplo, a abordagem comportamental contribui para a interação entre os sistemas administrativos, definição dos papéis dos executivos, necessidade de comprometimento com os resultados estabelecidos, desenvolvimento de metodologias e técnicas administrativas, etc.

Considerando alguns aspectos de gestão, algumas das principais tendências do cooperativismo para os próximos anos são aumento do nível de cooperação entre as pessoas, grupos, atividades e regiões.

Estando entre elas também o aumento da concorrência entre as empresas e as cooperativas, criando vantagens reais, sustentadas e duradouras;

Como tendências terão também o enxugamento das estruturas organizacionais. O aumento das fusões entre as cooperativas a fim de fortalecer as relações comerciais e ganhar vantagens competitivas. O redirecionamento da estrutura de poder, com uma melhor distribuição e valorização, Bom (2013).

Para Oliveira a qualidade total passará a ser considerada uma premissa e não apenas um objetivo a ser alcançado. Haverá uma aceleração ainda maior da tecnologia, onde a mesma passara a ditar as regras de sobrevivência das empresas no mercado.

Haverá uma redução ainda maior do ciclo de vida dos produtos e negócios, e também dos desperdícios, levando a uma otimização intensa dos processos.

As atividades cooperativas passaram a ser globais.

Haverá também uma maior profissionalização de cooperados e das cooperativas, e sua atuação passara a ter cunho ecológico, (BOM, 2013).

De acordo com Bialoskorski Neto (2004, p. 11), “o cooperativismo eficiente economicamente é aquele que será eficaz socialmente, e assim sustentará a democracia e a paz social”.

Segundo ele as cooperativas só serão eficientes se os seus cooperados também o forem, é necessário que eles tenham um bom nível de educação

cooperativa, sejam fieis e evitem contratos oportunistas, buscando neutralidade política, religiosa e racial.

Bom (2013), em seu trabalho apresenta um modelo de gestão às cooperativas, constituído de sete componentes que atuam de forma perfeitamente interligada e interativa.

Segundo ele os componentes são instrumentos administrativos consagrados pelas empresas e que influem o desenvolvimento e operacionalização do próprio modelo cooperativista.

Do ponto de vista do governo, as cooperativas representam muitas vantagens, por que aumentam o poder de barganha de empresas comerciais e industriais que atuam no mesmo setor.

Quando relações de trabalho, as atividades cooperativas são vantajosas, pois eliminam a exploração na relação empregado/empregador; não possuem atravessadores; os associados dirigem e executam as atividades cooperadas.

Elas também representam os interesses e/ou necessidades coletivas de todos; negociam melhores preços, prazos e formas de pagamento com os fornecedores. (BOM 2013).

Segundo Bom (2013), as cooperativas podem formar centrais ou federação de cooperativas, que tenham como base a união de pequenas cooperativas; assegurando os direitos iguais a todos os sócios cooperados; permitindo o desenvolvimento intelectual dos associados e de seus familiares.

De acordo com Bialoskorski Neto (2005) as cooperativas do agronegócio estão atingindo maturidade e sustentabilidade em um ambiente de concorrência acirrada, imprimindo melhoria e treinamento intensivo no aprimoramento de sua capacidade gerencial e tecnológica e na formação e capacitação de seus funcionários e associados.

Podemos concluir que hoje as cooperativas são muito mais independentes e buscam atuar cada vez mais no mercado.

Rech (1995) apontou que o trabalho associado em cooperativas vem crescendo em atividades que antigamente eram estatais e de empresas privadas. Com a estagnação da economia em alguns pontos da historia os municípios passaram a adotar políticas de desenvolvimento econômico local, buscando combater o desemprego e buscando o desenvolvimento de sua região.

Para o Brasil a expansão das cooperativas se tornou uma estratégia de superação das crises empresariais, e também uma ferramenta da redução de custo.

“O tema da governança nas cooperativas deve ser levado a sério, pois, se tais organizações não possuem acionistas nem têm títulos de propriedade negociados no mercado, possuem quotistas que devem ser informados da sua realidade” Bialoskorski Neto (2005).

O que vemos em comum em todos esses autores é que concordam que esta na hora de rever os princípios que norteiam as ações das cooperativas, buscando melhorar os métodos de controle, e permitindo o funcionamento das mesmas de modo constante no mercado.

5 CONCLUSÃO

Mesmo diante de todas as diversidades do mundo, o cooperativismo permanece firme. Ele superou inúmeras crises econômicas, sociais, culturais, superou também a influencia do Estado, a ditadura militar. Enfrenta todos os dias a concorrência com empresas de capital privado e grandes multinacionais.

E ainda sim continua a existir, sendo uma alternativa econômica viável tanto para pequenos produtores como para pequenas empresas.

Outra característica bastante marcante sobre as cooperativas é a flexibilidade que elas adquirem diante de crises. Mesmo com estruturas por vezes inchadas elas conseguem superar as barreiras.

Isso não quer dizer que elas não sejam atingidas, muito pelo contrario as cooperativas sofrem muitas vezes impactos muito maiores que as empresas. Mas elas possuem uma força que possibilita o seu renascimento, e por vezes mais fortes que antes.

Acredito muito no modelo de gestão, por que na região de Patos de Minas temos casos de sucesso.

Cooperativas que são responsáveis por um grande número de empregos diretos para a cidade, sem falar nos empregos indiretos que as mesmas geram.

É impressionante o quanto podemos observar a presença dos produtos gerados aqui no resto do país, e também a qualidade que eles possuem para atingir também o mundo.

Em todo o resto do mundo as cooperativas também vêm ganhando um espaço cada vez maior. Hoje elas passaram a ser globais, e suas vantagens são sustentáveis e duradouras em relação à concorrência.

A cultura das pessoas esta se transformando, elas estão adquirindo um senso mais humano, mais preocupado com o próximo, com a natureza, e as cooperativas tem aproveitado isso, e embarcado nessa onda. Principalmente na visão ecológica.

Mas não são apenas as cooperativas que tem se beneficiado com o seu desenvolvimento, as relações de trabalho também modificaram. A exploração do trabalhador pelo empregador vem desaparecendo, os associados passaram a terem controle das atividades que realizam, o seus produtos ou serviços passaram a ser melhor remunerados.

Outro benefício das cooperativas é o fato das mesmas defenderem os interesses do todo, e não somente de uma parte.

O governo também tem se beneficiado com as cooperativas através da geração de empregos, dos tributos além do poder de barganha quando atuam no mesmo setor de empresas comerciais e industriais.

As cooperativas tem ganhado espaço, adquirido independência, se tornaram também uma estratégia para superar as crises, além de uma ferramenta para a redução de custos.

Não há como negar, a importância delas para o mercado e para o mundo como um todo.

O que devemos fazer é tomar seus princípios como exemplo e aproveitarmos essa onda de benefícios.

REFERÊNCIAS

ANDRIOLI, A.I. **Trabalho Coletivo e Educação**. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí., 2008.

BALIEIRO, Carolina de Figueiredo et al. **O Brasil Cooperativo Mostra o seu Valor**: benefícios socioeconômicos gerados para a sociedade. 2004. Disponível em: <http://www.fundace.org.br/cooperativismo/projetos_pesquisa_Brasil_Cooperativo_valor.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2014.'

BENETTI, Maria Domingues. **As Relações entre Estado e Cooperativismo**: Análise do período 1933-37. In BENETTI, Maria Domingues e FRANTZ, Telmo Rudi (coords.) *Desenvolvimento e Crise do Cooperativismo do Rio Grande do Sul*. 2ª Ed. Porto Alegre: FEE, 1988. P.05-34.

BIALOSKORSKI NETO, Sigismundo. **Cooperativas Agropecuárias no Estado de São Paulo**: uma análise da evolução na década de 1990. 2005. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=3308>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

BOM, Joana Sofia Barros do Casal. **As ideias sobre o cooperativismo no século XIX**: uma introdução à crítica marxista. 2013. 109 f. Tese (Doutorado) – Curso de Desenvolvimento Econômico, Departamento de Instituto de Economia Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000913991>>. Acesso em 28 mar 2014.

BORGES, Marcelo Augusto de Lacerda. **Cooperativismo educacional**: gestão solidária na cooperativa educacional de Uberlândia. 2010. 110 f. dissertação (Mestrado) - Curso de Política e Gestão em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, UFU.

FLORÃO, Reni Santos. **Coopail**: Uma Experiência no Campo da Cooperação. Dissertação de Mestrado em Economia Rural pela Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande, 1995.

KOTLER, Philip, 1931. **Marketing de A a Z**: 80 conceitos que todo profissional precisa saber; tradução de Afonso Celso Cunha Serra. Rio de Janeiro: Campus, 2003. 251 p

MARTINS, Sergio Pinto. **Cooperativas de Trabalho**. São Paulo: Atlas, 2003. 146 p

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **O Capital**: crítica da economia política. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 1999.

MARX, Karl et al. **Cooperativismo e Socialismo**. Tradução e prefácio de Rui Namorado. Coimbra: Centelha, 1973.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1999

'MONDADORE, Ana Paula Carletto. **Mondragón é aqui?** Cooperativismo e internacionalização. 2013. 156 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Campinas, 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000907232>>. Acesso em: 22 out. 2013

NUNES, César Aparecido. **Educar para a emancipação**. Florianópolis, SC: Sophos, 2003.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de **Manual de gestão das cooperativas: uma abordagem prática**. 2. ed. São Paulo : Atlas, 2003. 318 p

OLIVEIRA, D. P. R. **Manual de Gestão das Cooperativas: Uma Abordagem Prática**. São Paulo: Atlas, 2001.

PINHO, Diva Benevides. **O Cooperativismo no Brasil: da vertente pioneira à vertente solidária**. São Paulo : Saraiva, 2004. 357

PINHO, D. B. **O que é cooperativismo?**. São Paulo: Buriti, 1996.

RECH, Daniel. **Cooperativas: uma alternativa de organização popular**. Rio de Janeiro, FASE, 1995.

SCHNEIDER, José Odelso; HENDGES Margot. **Educação e Capacitação Cooperativa: sua importância e aplicação**. ESAC: economia solidária e ação cooperativista, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 34-48, dez. 2006.

SCHNEIDER, João Elmo. **Democracia, Participação e Autonomia Cooperativa**. 2. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

SCHNEIDER, J. O. **Pressupostos da educação cooperativa: a visão de sistematizadores da doutrina do cooperativismo**. In: SCHNEIDER, J. O. (Org.). Educação cooperativa e suas práticas. Brasília: SESCOOP, 2003.

SEBRAE (São Paulo) (Org.). **Cooperativa**. Saiba Mais, São Paulo, 2006. Disponível em:
<<http://www.cooperativismo.org.br/cooperativismo/sebrae/saibamaiscooperativa.pdf>>
. Acesso em: 30 out. 2013

SILVA FILHO, Cícero Virgulino. **Cooperativas de Trabalho**. São Paulo: Atlas, 2001. 228 p

SILVA, Maria Cristiani Gonçalves. **Os pressupostos filosóficos da educação cooperativista no Estado de São Paulo (1989-2011): matrizes pedagógicas e contradições institucionais**. 2012. 140 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia e História da Educação, Departamento de
[Http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000901394](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000901394),
Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em:
<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000901394>>. Acesso em:
15 abr. 2014

SIQUEIRA, Oscar Graeff. **A crise das grandes cooperativas: um estudo comparado entre a Cooperativa de Carazinho (RS) e a de Não-me-toque (RS)**. 2001. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

STEFANO, Silvio Roberto; ZAMPIER, Márcia Aparecida; GRZESZCZESZYN, Geverson. **Cooperativas: características, gestão e relevâncias socioeconômicas para o país**. 2006. Disponível em:
<http://www.ead.fea.usp.br/semead/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/107.pdf>. Acesso em: 11 set. 2013.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido a vida.

Meus pais, Belchior e Gelva, que mesmo distantes sempre acreditaram e apoiaram meu sonho.

Minha irmã, Laís, pela ajuda e apoio.

Ao Alex, pelo amor, paciência e força diante dos obstáculos.

E ao professor Eduardo, meu orientador, por confiar no meu trabalho.

Data de entrega do artigo: Ex. 05/05/2014